



ASPECTOS QUE CONFEREM COMPLEXIDADE À INTERPRETAÇÃO NA PERSPECTIVA DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL DO ENSINO MÉDIO

ASPECTS THAT CONFER COMPLEXITY TO INTERPRETATION FROM THE PERSPECTIVE OF THE HIGH SCHOOL EDUCATIONAL INTERPRETER



Patrícia Cardoso de OLIVEIRA

Mestranda em Educação Especial. Instituto Federal de São Paulo – IFSP, Pirituba, São Paulo, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-0831-9767> |  pattycardoso.oli@gmail.com

Cristina Broglia Feitosa de LACERDA

Doutora em Educação. Docente associada do curso de Licenciatura em Educação Especial e do Programa de pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, São Paulo, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-3250-1374> |  clacerda@ufscar.br


OLIVEIRA, Patrícia Cardoso de; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Aspectos que conferem complexidade à interpretação na perspectiva do intérprete educacional do ensino médio*. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial, v. 11, n. 2, e0240021, 2024.

RESUMO: à custa de uma maior inserção dos surdos no meio acadêmico, o intérprete educacional de Língua Brasileira de Sinais – Libras, vem ganhando reconhecimento em relação à importância da sua atuação no processo de ensino desse estudante. Este estudo explorou os aspectos que conferem complexidade a interpretação de português para Libras no meio educacional, objetivando identificar, entender e ofertar reflexões sobre os elementos que fomentam esse fenômeno, com o intuito de construir novas perspectivas no campo de atuação do intérprete educacional de Libras, com ênfase no trabalho colaborativo entre o docente e o intérprete educacional. Com um estudo de caso único, por meio do instrumento de autoconfrontação simples proposto por Yves Clot (2010) com abordagem na psicodinâmica do trabalho que buscou promover a reflexão do próprio agir durante a atividade laboral. Entrelaçando à concepção de Sobral (2008) e os pressupostos de Bakhtin (2009, 2010) que enfatizam a natureza dialógica da linguagem, argumentado que o significado das palavras emerge da interação em contextos específico e o campo da tradução que há necessidade de recriar o diálogo entre culturas e contextos sociais diferentes. Resultando no levantamento dos seguintes elementos que conferem complexidade ao ato interpretativo na esfera educacional: I) construção de conceitos: de simples a complexos; II) o trabalho colaborativo entre o docente e o intérprete educacional; III) aspectos emocionais na atuação do intérprete educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Complexidade. Interpretação. Língua Portuguesa. Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT: at the expense of a greater insertion of the deaf in the academic environment, the educational interpreter of Brazilian Sign Language – Libras, has been gaining recognition in relation to the importance of his performance in the teaching process of this student. This study explored the aspects that confer complexity to the interpretation of Portuguese for Libras in the educational environment, aiming to identify, understand and offer reflections on the elements that foster this phenomenon, in order to build new perspectives in the field of action of the educational interpreter of Libras, with emphasis on the collaborative work between the teacher and the educational interpreter. With a unique case study, through the simple self-confrontation instrument proposed by Yves Clot (2010) with an approach in the psychodynamics of work that sought to promote the reflection of one's own action during the work activity. Intertwining the conception of Sobral (2008) and the assumptions of Bakhtin (2009, 2010) that emphasize the dialogic nature of language, it argued that the meaning of words emerges from interaction in specific contexts and the field of translation that there is a need to recreate the dialogue between different cultures and social contexts. Resulting in the survey of the following elements that confer complexity. Resulting in the survey of the following elements that confer complexity to the interpretative act in the educational sphere: I) construction of concepts: from simple to complex; II) collaborative work between the teacher and the educational interpreter; III) emotional aspects in the performance of the educational interpreter.

Keywords: Special education. Complexity. Interpretation. Portuguese language. Brazilian Sign Language.

 <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2024.v11n2.e0240021>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

ASPECTOS QUE CONFEREM COMPLEXIDADE À INTERPRETAÇÃO NA PERSPECTIVA DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL DO ENSINO MÉDIO

ASPECTS THAT CONFER COMPLEXITY TO INTERPRETATION FROM THE PERSPECTIVE OF THE HIGH SCHOOL EDUCATIONAL INTERPRETER

Patrícia Cardoso de OLIVEIRA¹

Cristina Broglia Feitosa de LACERDA²

RESUMO: à custa de uma maior inserção dos surdos no meio acadêmico, o intérprete educacional de Língua Brasileira de Sinais – Libras, vem ganhando reconhecimento em relação à importância da sua atuação no processo de ensino desse estudante. Este estudo explorou os aspectos que conferem complexidade a interpretação de português para Libras no meio educacional, objetivando identificar, entender e ofertar reflexões sobre os elementos que fomentam esse fenômeno, com o intuito de construir novas perspectivas no campo de atuação do intérprete educacional de Libras, com ênfase no trabalho colaborativo entre o docente e o intérprete educacional. Com um estudo de caso único, por meio do instrumento de autoconfrontação simples proposto por Yves Clot (2010) com abordagem na psicodinâmica do trabalho que buscou promover a reflexão do próprio agir durante a atividade laboral. Entrelaçando à concepção de Sobral (2008) e os pressupostos de Bakhtin (2009, 2010) que enfatizam a natureza dialógica da linguagem, argumentado que o significado das palavras emerge da interação em contextos específico e o campo da tradução que há necessidade de recriar o diálogo entre culturas e contextos sociais diferentes. Resultando no levantamento dos seguintes elementos que conferem complexidade ao ato interpretativo na esfera educacional: I) construção de conceitos: de simples a complexos; II) o trabalho colaborativo entre o docente e o intérprete educacional; III) aspectos emocionais na atuação do intérprete educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Complexidade. Interpretação. Língua Portuguesa. Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT: at the expense of a greater insertion of the deaf in the academic environment, the educational interpreter of Brazilian Sign Language – Libras, has been gaining recognition in relation to the importance of his performance in the teaching process of this student. This study explored the aspects that confer complexity to the interpretation of Portuguese for Libras in the educational environment, aiming to identify, understand and offer reflections on the elements that foster this phenomenon, in order to build new perspectives in the field of action of the educational interpreter of Libras, with emphasis on the collaborative work between the teacher and the educational interpreter. With a unique case study,

¹ Mestranda em Educação Especial. Instituto Federal de São Paulo – IFSP, Pirituba, São Paulo, Brasil. E-mail: pattycardoso.oli@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0831-9767>

² Doutora em Educação. Docente associada do curso de Licenciatura em Educação Especial e do Programa de pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, São Paulo, Brasil. E-mail: clacerda@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3250-1374>

through the simple self-confrontation instrument proposed by Yves Clot (2010) with an approach in the psychodynamics of work that sought to promote the reflection of one's own action during the work activity. Intertwining the conception of Sobral (2008) and the assumptions of Bakhtin (2009, 2010) that emphasize the dialogic nature of language, it argued that the meaning of words emerges from interaction in specific contexts and the field of translation that there is a need to recreate the dialogue between different cultures and social contexts. Resulting in the survey of the following elements that confer complexity. Resulting in the survey of the following elements that confer complexity to the interpretative act in the educational sphere: I) construction of concepts: from simple to complex; II) collaborative work between the teacher and the educational interpreter; III) emotional aspects in the performance of the educational interpreter.

Keywords: Special education. Complexity. Interpretation. Portuguese language. Brazilian Sign Language.

INTRODUÇÃO

O intérprete de Libras desenvolve suas atividades de trabalho realizando a mediação da comunicação entre falantes de duas línguas distintas, uma oral-auditiva (português) e a outra viso-espacial-gestual (Libras), possibilitando a comunicação e interações entre o ouvinte e o surdo e vice-versa. Este profissional atua como tradutor e intérprete, intermediando a comunicação entre surdos e ouvintes garantindo o acesso pleno à informação e promovendo a inclusão. Essa profissão, ainda é considerada uma profissão jovem, inclusive alvo de ampla discussão, acerca de todos os processos e requisitos à prestação de serviço desse profissional.

A profissão de intérprete de Libras, teve seu primórdio na esfera religiosa, com a intenção de evangelizar os surdos nas igrejas, templos e outras comunidades, com o passar dos anos e da maior inserção da comunidade surda na sociedade essa atuação passou a ser requisitada em outras esferas (Belém, 2010). E com a presença mais ampla de legislações acerca da educação inclusiva os surdos passaram a estar mais presentes nas salas de aulas, tanto em escolas bilíngues quanto em escolas comuns, promovendo assim a demanda pelo profissional intérprete educacional (IE).

Enfatiza-se, que este profissional em sua função difere do intérprete que atua em outras esferas, por conta das atribuições somadas ao processo de interpretação. O profissional que atua fora da esfera educacional, está focado na transmissão do enunciado de uma língua para outra, e a depender da relação social em que este trabalho está inserido, muitas vezes esse profissional não perfaz um contato direto com o público-alvo de sua interpretação, o que o distingue do intérprete educacional. E na esfera educacional esse profissional é agente colaborativo do processo formativo do aluno surdo, tendo como uma das funções, para além da interpretação dos enunciados, a participação no processo de ensino no que tange a acessibilidade linguística e a contribuição nas ações de atendimento às necessidades educacionais específicas do estudante com surdez visando garantir a qualidade e a ética em sua prática, com como o respeito à cultura e à identidade surda do aluno (Belém, 2010).

A capacidade de internalizar significados, compreender o conceito das unidades lexicais dentro de um contexto frasal, se faz imprescindível ao processo interpretativo entre duas línguas distintas, para isso é necessário um processo contínuo de análise do discurso

fonte, entendimento das ideias semânticas nele contidas, internalização e memorização desses significados. Dessa forma, a produção tradução almejada pelo mediador (intérprete), que busca transmitir fielmente os significados e nuances do discurso original, nem sempre é plenamente alcançada, devido a questões como limitações linguísticas, diferenças culturais e desafios de transposição intelinguísticas, ou seja, para que fique passível de entendimento pelo público-alvo. (Oliveira, 2022).

O versar de português para Libras não é simples, pois não são somente as palavras pronunciadas, que de forma direta precisam ser versadas para a Libras, mas sim as ideias contidas na enunciação. Não se trata apenas do que foi dito no português e os significados convencionais dos termos na Língua Fonte (LF), mas também, do que se pretende com aquelas palavras, qual o sentido pretendido, a intenção do enunciador (Sobral, 2008).

Assim, durante sua atuação, o profissional passará por momentos de decisões que ocasionarão o uso de estratégias para conseguir alcançar os sentidos pretendidos nas línguas fonte e alvo, ou seja, deve-se manter o compromisso com as duas línguas envolvidas, o que poderá ser trabalhoso em vários momentos.

Para compor este estudo, os pressupostos de Bakhtin (2009, 2010), à luz da perspectiva dialógica das línguas, se constituíram como base teórica, visto que é nas relações sociais que a linguagem existe, que a compreensão dos enunciados, a construção de sentidos e a constituição do sujeito perante sua língua é possível. Nessa mesma perspectiva, o conceito de 'dizer o mesmo a outro e de outra forma' de Adail Sobral (2008), foi assumido como perspectiva de reflexão para o desdobramento desta pesquisa.

Como base nestes pressupostos teóricos, buscou-se uma metodologia de estudo que considerasse a língua como atividade dialógica. Para tal constituindo o gênero prático e empírico, este estudo promoveu uma intervenção reflexiva no contexto pesquisado com o uso da observação por autoconfrontação simples (Clot, 2010) das performances interpretativas do sujeito de pesquisa, no âmbito da esfera educacional.

Dessa forma, tem-se como objetivo geral analisar os aspectos complexos da interpretação educacional de português para Libras, com base no estudo de caso com procedimento de autoconfrontação simples como instrumento para a construção de novos conceitos e como objetivos específicos, (i) identificar e entender os elementos que conferem complexidade a interpretação na esfera educacional e (ii) evidenciar estratégias para o trabalho colaborativo do professor regente com o IE.

MÉTODO

Pesquisa de abordagem qualitativa caracterizada por estudo de caso com delineamento de sujeito único (Yin, 2001). A metodologia do estudo de caso, se faz viável mediante a intenção do pesquisador de levantar questões do tipo “como” e “por que”, mediante a fenômenos inseridos no contexto da vida real. O que faz este estudo perfazer um desenho empírico-exploratório, com o intuito de explorar o problema de pesquisa com uma investigação mais aprofundada, para assim fornecer informações acerca do fenômeno estudado, partindo de uma perspectiva histórico cultural.

Isto posto, a técnica utilizada para este estudo, foi a autoconfrontação simples, proposta por Yves Clot, na psicologia do trabalho - Clínica da Atividade (Clot, 2010). A autoconfrontação simples consiste em fazer o profissional pensar sobre sua própria prática laboral.

A AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES

Esta estratégia é vista por Clot (2010) como um método dialógico de análise do trabalho, a autoconfrontação simples é uma técnica que utiliza vídeos para confrontar o sujeito pesquisado, em sua prática de trabalho, criando a possibilidade de reflexão sobre sua performance, pois não faz uso de situações simuladas, mas de acontecimentos reais de trabalho, em que o sujeito possa pensar sobre sua atuação real.

A situação de autoconfrontação é aquela em que os operadores, expostos à imagem do próprio trabalho, começam por colocar em palavras, para serem utilizadas pelo próprio parceiro-espectador, o que eles julgam ser suas constantes. Assim, eles dialogam com o outro e com eles mesmos, ao se descobrirem na tela e ao verbalizarem as condutas que eles observam (Clot, 2010, p. 138).

Após a atividade laboral gravada e a exposição desta ao trabalhador, ele vai se ver na presença de um outro. Ao se ver, ele vai procurar explicar o que vê e ao fazer isso ele passa a refletir sobre seu fazer de uma forma nova. Segundo Clot (2010, p. 253), “a autoconfrontação simples propõe um novo contexto em que o sujeito se torna, por sua vez, um observador exterior de sua atividade na presença de um terceiro”.

O que proporciona um ambiente favorável a reflexões e diálogos sobre o que se fez, sobre o que se está vendo, sobre o que poderia ser feito e sobre o porquê que a atividade foi feita daquela determinada forma. Levando o sujeito de pesquisa a um entendimento aprofundado da sua atuação em uma situação real de trabalho.

A autoconfrontação integra-se plenamente a um conjunto de dispositivos que visam à construção conjunta de conhecimento sobre a atividade desenvolvida, um reposicionamento dos sujeitos envolvidos frente à situação de trabalho.

LÓCUS DE PESQUISA

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), especializada na oferta de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), criada por meio da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Ainda que vinculado ao MEC, o IFSP detém autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar.

O estudante matriculado no Ensino Médio do IFSP, cursa as disciplinas do núcleo propedêutico, conjuntamente com uma formação numa área técnica de escolha. O curso técnico integrado oferece a formação geral de forma integrada à formação profissional. O aluno tem as disciplinas do currículo de referência do ensino médio e as específicas do curso técnico escolhido, a duração é de três ou quatro anos, dependendo de cada curso.

Para este estudo a disciplina selecionada foi a Sociologia ministrada no 1º ano do Ensino Médio Técnico de Informática, que normalmente é ofertada na modalidade presencial, porém por estar no período pandêmico, as aulas eram síncronas, ofertadas pelo aplicativo Zoom.

PARTICIPANTE DE PESQUISA

Os seguintes critérios foram estabelecidos para que o IE do ensino médio, fosse elegível a participar desta pesquisa: i) estar atuando como intérprete em sala de aula virtual (atividades educacionais remotas) no ensino médio integrado do Instituto Federal de São Paulo; ii) ter um acervo em ambiente virtual contendo a gravação das aulas síncronas; iii) acompanhar aluno surdo sinalizante em Libras.

O curso normalmente é oferecido presencialmente, porém, o período da coleta de dados da pesquisa ocorreu na pandemia, onde a profissional entrevistada, tinha acesso as videoaulas. Este material fica disponibilizado no Youtube, em um canal criado para ser o acervo das aulas do estudante surdo, que foi disponibilizado para a pesquisadora com a autorização do docente da disciplina e do estudante surdo.

Portanto, levando em conta todos esses fatores e aspectos elencados, de um universo de 43 profissionais, atuantes em diversos Institutos Federais em São Paulo, ficou a intérprete do campus IFSP escolhido, elegível a ser sujeito de pesquisa neste estudo, devido a

mesma atender todos os critérios instituídos para inclusão de participante neste processo de investigação.

Pedagoga de formação, especialista em tradução e interpretação e mestre em educação especial, a participante escolhida para fazer parte deste estudo, atua na área de tradução e interpretação de Libras desde 2006 e passou a atuar formalmente como IE no ano de 2011. E a partir de 2020 passou a ser intérprete educacional no IFSP, todo esse percurso atribui a participante um arcabouço valioso a sua atuação e a sua participação neste estudo.

SELEÇÃO DO MATERIAL PARA AS SESSÕES DE AUTOCONFRONTAÇÃO

As vídeo-aulas de sociologia do curso integrado de informática do IFSP, foram elencadas de 1 a 6, sendo o vídeo 1 a aula ministrada em 23 de setembro de 2020 e o vídeo 6 a aula ministrada em 03 de novembro de 2021, ou seja, as vídeo-aulas foram analisadas por ordem cronológica das datas em que foram ministradas.

As aulas síncronas de sociologia foram assistidas na íntegra, sendo que cada aula tinha em média 50 minutos e o total de aulas foram 6, se somou então 5 horas de aulas assistidas. Com a contemplação dos momentos em que o docente da disciplina intui inserir a constituição de novos conceitos para o aluno surdo, sempre com a observação da atuação da intérprete de Libras participante da pesquisa. Foi um período de análise, de escuta atenta e identificação dos momentos que ofertam maior atenção, no ato interpretativo de português para Libras.

Todos os vídeos foram assistidos minuciosamente e os trechos em que esses novos conceitos foram ministrados foram elencados e separados para análises posteriores e para subsídio da autoconfrontação com a participante da pesquisa.

Dos trechos que foram selecionados a partir dessas videoaulas, quatro variáveis foram configuradas como itens de inclusão destes trechos nas sessões de autoconfrontação, foram contempladas as seguintes variáveis de análise:

QUADRO 1 - Variáveis de análise

(I) construção de novos conceitos;
(II) pausas reflexivas da intérprete, para construção da interpretação;
(III) presença de uma prolongada construção explicativa por parte do docente da disciplina, para auxiliar a intérprete;
(IV) equívocos tradutórios;

Fonte: elaborado pela autora.

Partindo da experiência empírica das autoras com os processos de tradução e interpretação, sendo que estas estão inseridas na área a um tempo relevante para as análises desta pesquisa. O critério de exclusão, foi a observação de fala sem ambiguidade, continuamente passível de interpretação por parte da participante de pesquisa, sem maiores dificuldades. Para o momento da realização da entrevista de autoconfrontação simples, foram separados *a priori*, vinte e um trechos retirados das vídeos-aulas de sociologia do curso técnico de informática integrado do ensino médio.

Os trechos escolhidos, perfizeram momentos de pausas reflexivas, interrupções por parte da intérprete educacional, buscas de esclarecimentos junto ao docente, com a situação em que o docente *a priori* fez uma explicação dos conceitos para a mediadora da comunicação, enquanto a interpretação estava pausada, para que a posteriori a mensagem fosse interpretada para o aluno surdo, assim como estavam presentes também nesses momentos prolongamentos explicativos no ato interpretativo.

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES

As sessões de autoconfrontação simples, *a priori* foram instituídas em três encontros síncronos *on-line*, porém ao longo das sessões ficou evidente que apenas dois encontros seriam o suficiente para compor a intenção desta pesquisa.

As sessões de autoconfrontação simples foram conduzidas pela pesquisadora, por meio de roteiro organizado, compondo a seguinte sequência:

QUADRO 2 – Roteiro para sessão de autoconfrontação

(I) acolhimento da participante de pesquisa;
(II) explicação do instrumento de pesquisa;
(III) reprodução do trecho pré-selecionado;
(IV) observação do trecho;
(V) abertura para explanação da entrevista;
(VI) repetição do trecho caso requerido;

Fonte: elaborado pela autora.

A participante da pesquisa, teve total liberdade de conduzir suas explanações, já que não se visa neste estudo a obtenção de respostas prontas e/ou objetivas sobre os temas que foram abordados. Assim como buscou-se aprofundar qualitativamente na problemática estudada, afim de constituir dados relevantes para a formulação de hipóteses acerca dos aspectos que conferem complexidade a interpretação de português para Libras.

PROCEDIMENTO UTILIZADO PARA AS ANÁLISES

Para análise dos enunciados produzidos nas sessões de autoconfrontação utilizamos a proposta de Borges e Silva (2017). Para os autores a análise dos dados produzidos a partir de entrevistas narrativas e filmagens podem ser tratados por uma análise temática dialógica. Trata-se de um método analítico qualitativo amplamente utilizado em pesquisas, conforme disposto por Braun e Clarke (2006), que afirmam que este método é fundamental para uma análise qualitativa, pois fornece habilidades básicas inerentes a esse tipo de processo analítico.

A transcrição da narrativa é, geralmente, a primeira etapa da análise temática dialógica. É por meio da transcrição que o pesquisador inicia sua imersão e familiarização com os dados produzidos, ainda que tenha sido ele mesmo o interlocutor no momento desta produção. As entrevistas e/ou os materiais verbais produzidos na pesquisa são transcritos na íntegra constituindo arquivos digitais. Durante as transcrições, além dos enunciados propriamente ditos (palavras pronunciadas), são registradas as pausas, as entonações, as interjeições, as tartamudezes e os silêncios, posto que esses elementos também compõem as enunciações (Borges e Silva, 2017, p. 251-252).

Os materiais verbais e filmagens resultantes das sessões de autoconfrontação, que foram gravadas por reuniões online no Google Meet, foram analisados seguindo a sequência proposta pelas autoras: a) transcrição das entrevistas; b) definição das unidades analíticas; c) a leitura intensiva do material transcrito; d) organização das enunciações em temas e subtemas; e) a elaboração e análise de mapas semióticos (Borges e Silva, 2017).

A transcrição das sessões foi realizada na íntegra, não apenas das palavras ditas e dos enunciados, mas também foram considerados os momentos de silêncio, as expressividades verbais e não verbais, assim como todos os elementos não verbais que compõem os enunciados.

Após a etapa de transcrição dos vídeos, foi feita uma ostensiva revisão de texto, para que nenhuma nuance fosse omitida. Em seguida, passou-se para a definição das unidades analíticas, destacando elementos considerados importantes na perspectiva da intérprete educacional participante da pesquisa, elementos recorrentes e outros que de alguma forma atendiam as metas deste estudo. Com a leitura da transcrição e escuta atenta dos áudios dos encontros de autoconfrontação pôde-se levantar os seguintes temas:

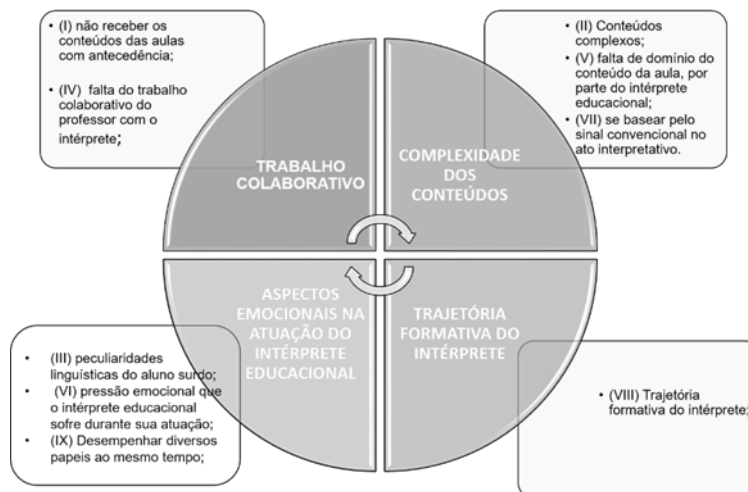
QUADRO 3 – Elementos que conferem complexidade a interpretação do Português para a Libras na esfera educacional

(I) não receber os conteúdos das aulas com antecedência;
(II) conteúdos complexos;
(III) peculiaridades linguísticas do aluno surdo;
(IV) falta do trabalho colaborativo do professor com o intérprete;
(V) falta de domínio do conteúdo da aula, por parte do intérprete educacional;
(VI) pressão emocional que o intérprete educacional sofre durante sua atuação;
(VII) se basear pelo sinal convencional no ato interpretativo;
(VIII) Trajetória formativa do intérprete;
(IX) Desempenhar diversos papéis ao mesmo tempo.

Fonte: elaborado pela autora.

Partindo desses temas, buscou-se condensar as temáticas em unidade analíticas correlacionadas. Novamente, foi realizada uma leitura intensiva da transcrição dos encontros, agora focalizando os destaques de cada um dos temas, para assim obter um agrupamento das enunciações, que pudessem compor unidades temáticas similares e ou que se complementam, sempre considerando os objetivos do estudo. Para tanto, foi idealizado um mapa de significados correlatos (Figura 1) construído por meio da análise da dinâmica e inter-relação existente entre os temas elencados na tabela 3.

FIGURA 1 - Mapa de Significados Correlatos



Fonte: elaborado pela autora

Seguindo o percurso de análise dos temas levantados, as seguintes unidades analíticas relevantes para este estudo, foram organizadas:

QUADRO 4 - Unidades analíticas

(I) construção de conceitos: de simples a complexos;
(II) o trabalho colaborativo entre docente e intérprete educacional;
(III) aspectos emocionais na atuação do intérprete educacional.

Fonte: elaborado pela autora

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas enunciações da intérprete educacional, buscou-se compreender como se procede o trabalho de interpretação de aspectos considerados complexos e suas implicações em sua atuação. As análises foram feitas à luz do referencial teórico apresentado, que auxiliou na busca pela resposta à grande questão desta pesquisa: Quais são os possíveis elementos que conferem complexidade a interpretação de Libras na esfera educacional do ensino médio?

Nesse sentido, os temas de análise elencados foram: (I) Construção de conceitos: de simples a complexos; (II) O trabalho colaborativo entre docente e intérprete educacional; (III) Aspectos emocionais na atuação do intérprete educacional.

CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS: DE SIMPLES A COMPLEXOS

O intérprete faz uso de estratégias, que conduzam para uma tradução e interpretação que produza uma construção de sentido³, dentro das possibilidades que os contextos forneçam. Como afirma Lacerda (2015), o intérprete atua na fronteira entre os sentidos da língua de origem e da língua alvo, com os processos de interpretação relacionados com o contexto no qual o signo é formado.

O sentido do enunciado é construído na interação verbal e é atualizado no contato com outros sentidos, na relação estabelecida entre interlocutores. A interpretação é um processo ativo, que procede de sentidos que se encontram, existindo, apenas, na relação entre eles, como um elo nessa cadeia de sentidos. Pode-se dizer, assim, que a interpretação se revela na multiplicidade de sentidos existentes (Lacerda, 2015, p. 08).

O processo de tradução e interpretação não pode estar focado apenas no nível linguístico, mas precisa levar em conta aspectos culturais e situacionais, e é por isso, que

³ O sentido, aquilo que algo que dizer, ou melhor aquilo que alguém quer dizer usando algo, não é algo pronto, mas sim algo construído, a partir das possibilidades de expressão da língua e das situações em que essa língua é usada – nessas situações de uso (Sobral, 2008, p. 131).

a ênfase deve estar na construção de sentidos (Lacerda, 2015). Na construção de novos conceitos, não só estão em jogo as escolhas interpretativas do IE, mas também o caminho explicativo do professor e o processo de aquisição de conceitos do jovem surdo.

O fato abordado por Vygotsky (2008), sobre a dificuldade dos adolescentes em expressar conceitos por meio de palavras, mesmo que compreendam esses conceitos de forma concreta, é corroborado pela observação realizada nas aulas selecionadas para este estudo. Durante essas aulas, ministradas na disciplina de sociologia, o professor frequentemente propunha a construção de novos conceitos aos alunos, nas quais ocorriam proposições de construção de novos conceitos por parte do docente da disciplina de sociologia.-

Dentro deste contexto, podemos salientar que para o aluno alcançar a construção do conceito pretendido pelo professor foram necessárias diversas tentativas de explicações, sendo algumas propostas pelo professor, outras pela intérprete e essa interação entre eles se fez vital para que o objetivo da aula fosse alcançado.

Objetivo esse testado através de questionamentos que o docente fazia ao aluno surdo, sobre o que ele acabará de explicar e enquanto o aluno não lograva êxito na resposta desses questionamentos, docente e IE continuavam com as tentativas de fazer o estudante compreender o conceito que estava sendo ministrado.

Neste aspecto, fica perceptível o fluxo árduo do processo de interpretação de novos conceitos. Nitidamente, a intérprete entrevistada avalia que não houve fruição dos argumentos, percebe que pausas e retomadas precisaram ser realizadas, consultas colaborativas entre professor e intérprete, da intérprete com o aluno surdo e da intérprete com professor, para que cada um com suas contribuições favorecesse a construção de sentidos para o aluno na direção do conceito pretendido. No que tange a interpretação educacional essa triangulação é e precisa ser cotidiana, pois, em sala de aula onde se tem alunos surdos, o processo de comunicação se constitui através de um enunciador em língua portuguesa (professor), um enunciador em língua de sinais (intérprete educacional) e o alvo dessas enunciações (aluno surdo).

Sobremaneira, a intérprete, quando fica à frente de um conteúdo pela primeira vez, no ato da sua enunciação, ela tem que dispor de várias funções para conseguir efetuar a sua performance de forma eficaz, o que acentua a complexidade do processo. Segundo Magalhães (2007), isso ocorre porque a comunicação é um processo dinâmico, o que envolve mais do que a substituição de palavras, a depender das línguas envolvidas, podem haver alterações semânticas a serem compensadas.

O intérprete educacional está exposto a muitos conteúdos e é capaz de media-los de português para Libras, mas em contrapartida este profissional, por vezes, pode não conseguir explicar conceitos específicos contidos nos enunciados pretendidos, por serem termos que não fazem parte da sua área de conhecimento aprofundado, requerendo uma atenção maior do

docente da disciplina em ações de planejamento para alinhar com a intérprete a significação de conceitos, antes de construir com o aluno surdo.

O TRABALHO COLABORATIVO NA PERSPECTIVA DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL

Para o intérprete, entender o sentido pretendido pelo enunciador é fundamental, é a base da escolha dos sinais que irá empregar na interpretação. Pois, para o (Sobral, 2008), ao se realizar uma tradução é fundamental se ater a dimensão e construção de sentidos. Para tanto é necessário tempo hábil para estudo e análise dos conteúdos alvo do processo interpretativo.

No caso da intérprete que estamos analisando, a queixa central é de não receber com antecedência os conteúdos que serão apresentados nas aulas de Sociologia, de não se preparar com antecedência para a atividade. Assim, pode-se revelar que não receber tais conteúdos com antecedência, prejudica o profissional. Por falta de estudo do conteúdo e de tempo para a elaboração de estratégias interpretativas as soluções tradutórias que ela encontra são avaliadas por ela como menos interessantes.

Quando existe entre o professor regente e o IE uma interlocução, uma preparação, a performance desse profissional é positivamente influenciada, segundo a participante. Como podemos constatar no seu relato, quando cita o docente da disciplina de exatas, alegando que o trabalho colaborativo com este professor acontece de forma eficaz, com a antecipação dos conteúdos, com o diálogo sobre as melhores estratégias para ministrar esses conteúdos para o aluno surdo e com o esclarecimento de dúvidas, antes das aulas acontecerem.

O fato de o intérprete receber o material antecipadamente, compondo um trabalho em parceria com o docente da disciplina, parece contribuir para que o processo tradutório intermodal (oral para sinalizado) flua, pois assim, o intérprete dispõe de tempo para lidar com a complexidade de traduzir esses conteúdos ainda que se trate de conteúdo de uma área que não seja a de maior conforto para ele.

Para corroborar com esses elementos, Santos (2014) aponta aspectos específicos para a atuação do intérprete em diferentes níveis educacionais:

[...] preparação anterior à atuação em sala de aula por meio de estudo/leitura; pesquisa de vocabulário específico dos conteúdos a serem abordados; conhecimento acerca das tecnologias e mídias que favorecem o processo tradutório; conhecimento das áreas temáticas e diferentes disciplinas escolares; conhecimento das projetos de desenvolvimento humano e de linguagem; preparação para o trabalho junto à equipe escolar; relações de parceria intérprete/professor e intérprete/aluno; conhecimentos pedagógicos; dentre outros (Santos, 2014, p. 86).

Assim, o professor contribui com o acesso antecipado ao conteúdo, o IE busca adequar as formas de dizer com a realidade do aluno surdo e daí deriva a prática no momento da aula. A intérprete educacional pesquisada defende a junção dessas experiências como meta para se pensar no trabalho em colaboração com o professor.

O domínio da matéria a ser trabalhada, a preparação da aula responsabilizando-se pelos conteúdos que serão ensinados e estratégias que serão usadas, é da competência do professor. Se ele fizer o planejamento conjuntamente com o intérprete educacional, este poderá com seus conhecimentos sobre a surdez e sobre os alunos surdos, colaborar com sugestões e ideias que tornarão a aula mais visual, mais adequada aos alunos surdos, o que não implicaria num planejamento que atendessem somente aos alunos surdos, mas também aos demais alunos, ouvintes, que poderiam se beneficiar da mesma forma, dos recursos e estratégias utilizados pelo professor (Belém, 2010, p. 112).

O fato levantado pela IE entrevistada, de que o trabalho colaborativo é feito a contento por alguns docentes, mas por outras nos traz à tona uma reflexão sobre a diferença entre o que está documentado, na legislação interna da instituição, e o que se efetiva na prática do dia a dia. Mesmo a instituição pesquisada sendo sensível aos subsídios necessários à atuação do IE e tendo dentro do seu escopo de legislação portarias, resoluções e instruções normativas que resguardam a regulamentação da atividade do intérprete, ainda se pode encontrar práticas que destoam dos acordos documentais registrados na instituição.

A instituição dispõe, entre outras normativas, de uma instrução normativa que estabelece orientações e diretrizes sobre as formas e estratégias de trabalho do intérprete, no âmbito do IFSP. A instrução normativa nº 001, de 13 de agosto de 2020, dispõe na sua seção III – Das orientações aos docentes, de itens que evidenciam qual o papel do docente perante ao intérprete educacional e o que este precisa fornecer para que o trabalho de ambos possa de realizar satisfatoriamente. No seu artigo sétimo a instrução dispõe entre outros requisitos que cabe ao docente dentro do âmbito do IFSP:

§2º Fornecer os conteúdos e materiais referentes à disciplina ao discente e ao TILSP por meio do SUAP⁴ com antecedência, para que o estudante possa se organizar antecipadamente, inteirar-se do material e vocabulário. Também receber uma sinalização mais específica, com sinais dicionarizados/reconhecidos pela comunidade surda, criados ou até mesmo pesquisados/adaptados (IFSP, 2020, p. 3).

⁴ O Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) é o principal sistema para gestão dos processos administrativos do IFSP

Assim como dispõe sobre o trabalho em colaboração desses profissionais em relação a preparação dos materiais de aula de forma conjunta, presente na seção III, artigo 7, parágrafo 4 da instrução normativa do IFSP, que especifica que o docente necessita:

§4º Adequar o conteúdo didático a realidade da pessoa surda com uma linguagem simples e objetiva, de acordo com as habilidades/competências do discente, as quais deverão ser previamente diagnosticadas pelos próprios docentes em parceria com o TILSP (IFSP, 2020, p. 4).

No entanto, esse trabalho colaborativo apesar de previsto na documentação do Instituto Federal de São Paulo, nem sempre se converte em ações efetivas. A intérprete percebe problemas em sua atuação causadas pelo não acesso antecipado aos conteúdos. Além disso, mesmo que o professor adote uma postura de fornecer novas estratégias elas dependem das possibilidades de tradução e dos conhecimentos prévios do estudante. Uma aula não nasce no ato da sua ministração, ela é pensada e planejada, assim o IE também precisa desse recurso reconhecido como subsídio para a sua atuação, para que consiga preparar a interpretação da aula em Libras nos moldes que atendam as especificidades do aluno surdo, configurando então um trabalho em colaboração do docente da disciplina com o IE.

ASPECTOS EMOCIONAIS NA ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL

A falta do trabalho em colaboração do professor regente, dos recursos disponibilizados antecipadamente para o intérprete educacional, acarreta a este profissional uma carga a mais de pressão em relação a sua atuação na sala de aula, tendo este que suprir aspectos que não lhe cabem, como a responsabilidade de ensino, avaliação e aprendizagem do aluno surdo. Assim como a função de transferir, traduzir e interpretar conteúdos que não são do seu domínio, que não fazem parte da sua formação, conteúdos que não foram acessados anteriormente, que não foram estudados. Todos esses aspectos, influenciam no processo de tradução e interpretação do IE, pois este se vê em situações nas quais não consegue executar a contento a sua função, por conta da falta de subsídios necessários e por causa das pressões sofridas durante o processo de interpretação educacional.

A pesquisa de Dias (2018), traz a questão emocional e a pressão psicológica como fatores que afetam o ato interpretativo. Estudos como os de Woodcock e Fischer (2008) e de Guarinello e Lisboa (2017) afirmam que os profissionais intérpretes de língua de sinais têm uma sobrecarga psicológica, devido a pesada carga horária de trabalho, ao pouco, ou nenhum, tempo de descanso, ao esforço de movimentos repetitivos e incessantes, e também pelo fato de não conhecerem os conteúdos a serem interpretados ou de não conhecerem os surdos para quem irão interpretar, o que pode causar a eles estresse cognitivo, mental e físico.

Alguns intérpretes podem se sentir intimidados por pessoas em posições de poder, assuntos específicos ou até mesmo certos consumidores. Embora possam ser capazes de interpretar o conteúdo discutido na situação, sentem-se desconfortáveis. [...] discutir o assunto ou interpretar as preferências com os consumidores surdos pode ajudar a desmistificar a situação. Se o problema for conhecimento de conteúdo ou como transmitir um conceito em língua de sinais, trazer os enunciadores e os surdos para o processo de interpretação pode ser útil (Woodcock; Fischer, 2008, p. 45).

Durante o processo de pesquisa a participante se vê frente a uma explicação proferida pelo docente, que em seu julgamento se faz ineficiente e fica em um dilema: devo complementar ou não? Quando ela opta por fazer esses complementos, ela permanece em tensão porque se julga: será que fiz certo ou será que atribui a mim uma função de docência que não é minha? Ou seja, a participante convive com uma sensação de insegurança durante todo seu ato interpretativo, sempre se colocando em dúvida sobre como agir – já que busca a compreensão do aluno, mas para isso, por vezes, sai de seu papel de intérprete, não seguindo à risca a explicação do professor.

Barbosa (2004) ressalta a importância da formação profissional considerando as peculiaridades linguísticas e culturais da Libras e sua transposição, tão necessária para tornar visível e compreensível as escolhas técnicas utilizadas pela intérprete.

Fica explícito na fala da intérprete a tensão permanente do ‘fazer escolhas’: hora tradutórias, hora para decidir se apenas interpreta ou se também ensina o aluno surdo, com suas próprias estratégias para além das trazidas pelo professor da disciplina. E além de todo esse processo, ainda fica numa constante avaliação sobre se alcançou o entendimento do aluno surdo ou não. Demonstrando assim sua fragilidade profissional, preceitos éticos e regimentais presentes nos documentos da instituição que atua.

Todos esses pontos geram na intérprete, uma série de dilemas ao longo da sua atuação, e um desses dilemas, segundo Woodcock e Fischer (2008), é a necessidade de abster-se de corrigir “injustiças”, fator presente nas concepções da profissão como uma atribuição do intérprete, o que pode causar conflitos emocionais adicionais e inesperados.

No caso da entrevistada, esses dilemas são corriqueiros e ao longo dos processos de autoconfrontação, ela se percebe diante de vários momentos, em que não sabe se pausa o professor, se explica a seu modo, se diz que o surdo não está entendendo, se fala para o professor que faltou trabalho colaborativo, se fala para o professor que ela não entendeu o conteúdo, entre outros dilemas. Ela identifica uma pressão emocional constante, por não conseguir realizar seu trabalho a contento e por não saber ao certo como agir diante das situações complexas que enfrentava na interpretação das aulas de sociologia.

Então os aspectos emocionais relativos a atuação do intérprete, não são apenas interpessoais, mas também intrapessoais. A partir do momento em que a intérprete se sente constrangida com o fato de perceber que o docente está tomando um caminho explicativo pouco produtor e inconsistente no que tange atingir o perfil do aluno surdo, e passa a sentir emoções em relação a isso. Ela exerce sobre si uma pressão, e por vezes o professor nem toma conhecimento dessa pressão que a intérprete está se colocando. A interpretação constitui claramente um trabalho que implica e é implicado por emoções, e se sentimentos como raiva, impotência e constrangimento estiverem presentes no ato interpretativo este pode sofrer prejuízos.

Sendo assim, a complexidade dos processos de construção de conceitos sobrecarrega o trabalho do IE, principalmente no que tange o ensino a nível médio, por conta do perfil do jovem surdo, que em suma, apresenta dificuldade de abstração de conteúdos, quando questionado sobre o que foi transmitido. Então para que o trabalho desse profissional possa fluir com mais eficácia, demanda-se uma colaboração dos profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, pois quando o intérprete não conta com esse trabalho em colaboração ele se sobrecarrega, porque para além das dificuldades já arraigadas ao processo de interpretação, se somam aspectos emocionais que tornam a atuação do intérprete ainda mais complicada.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento acadêmico do aluno surdo é diretamente influenciado pela negligência cumulativa de todo um processo educacional, tendo atuação do intérprete de Libras, a função de mediar a comunicação e viabilizar a constituição desse estudante como sujeito participante do ambiente acadêmico.

Isto posto, o IFSP foi escolhido como *locus* de pesquisa, por ter uma legislação interna acerca do trabalho do IE, o que pode ser considerado um avanço na área. Este ponto é positivo, porém, ter as normativas não garante que as ações nela contidas de fato serão realizadas, fica exposto nesta pesquisa que essas legislações carecem de maior divulgação e apropriação por parte dos envolvidos no trabalho do IE, ou seja, o desafio de fazer o regimento se tornar uma prática, ainda permanece.

Pois o IE faz parte do processo formativo do aluno surdo, tendo como função, bem mais que a interpretação dos enunciados, tem a incumbência de contribuir nas ações de atendimento às necessidades educacionais específicas do estudante com surdez e carece desse reconhecimento e que os professores que são responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem possam trabalhar em conjunto com o IE.

Sendo assim, o entendimento sobre os subsídios que estes profissionais precisam para perfazer uma interpretação eficaz, precisa de uma atenção, pois a essência da tarefa do IE

no ensino médio é tornar o desconhecido compreensível e visto que a formação dos conceitos é resultado de uma complexa atividade em que todas as funções intelectuais fundamentais participam, se faz necessário vivenciar transferências de significados, para além da palavra e para além do objeto que carregam a ideia correlata a um determinado conceito para conseguir compreendê-lo.

Consonante a isto, a concepção de um trabalho coletivo e dialógico, com a possibilidade de compartilhamento dos saberes específicos desses profissionais é uma das premissas que essa pesquisa releva, corroborando com a ideia da necessidade da criação de um espaço formativo e, colaborativo entre professores e IE, para esses profissionais, no qual a junção das experiências destes propiciará possivelmente um processo de ensino e aprendizagem mais efetivos no que tange preparar o aluno surdo para a vida adulta e profissional.

Fato ligado diretamente ao aspecto emocional inerente a função do IE, interferindo diretamente nos processos de cognição mental, exigidos no ato interpretativo. E para além dessa interferência, outras situações emergem por conta da pressão emocional envolvida no trabalho do intérprete, questões de saúde mental e emocional.

Portanto, para que esses aspectos possam ser tratados se faz necessário ouvir as angústias do IE em relação aos subsídios que este precisa para desempenhar o seu trabalho. Perspectiva que ainda precisa ser mais explorada, com um aprofundamento nesta questão da pressão emocional sofrida por este profissional ao longo da sua atuação, quais as causas raiz desse julgamento auto infringido, quais estratégias para além da colaboração podem atenuar esses aspectos emocionais.

A exposição dos elementos que conferem complexidade a interpretação educacional no ensino médio, não perfaz todo o escopo necessário da pesquisa para alavancar a atuação do IE, muito mais há para se aprofundar, e a base geral para esse aprofundamento é a relação da tríade professor – aluno surdo – intérprete educacional, pois é na interação desses envolvidos que a função desse profissional acontece. A busca por soluções precisa advir dessa relação, cada membro da tríade pode contribuir com a sua perspectiva em relação a colaboração, é preciso criar uma cultura inclusiva e colaborativa nas instituições para que o trabalho do TILS possa acontecer em sua totalidade e com resultados mais qualitativos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 14. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Oliveira. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929]
- BELÉM, Laura. **A atuação do intérprete educacional de língua brasileira de sinais no ensino médio**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, Piracicaba, São Paulo, 2010.
- CLOT, Y. **A Função Psicológica do Trabalho**. Tradução de Adail Sobral. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2006.
- CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- DAROQUE, S. C. **Espaço formativo partilhado entre professores e intérpretes educacionais no contexto da Educação Inclusiva Bilíngue de surdos**. 2021. 183 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.
- GEGE, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.
- GESSER, A. **Interpretar ensinando e ensinar interpretando**: posições assumidas no ato interpretativo em contextos de inclusão para surdos. Cad. Trad., Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 534-556, jul-dez., 2015.
- GIAMLOURENÇO, P. R. G. M. **Tradutor e Intérprete de Libras: construção da formação profissional**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIRKE, C. A. **Atuação e papéis do intérprete educacional de Língua de Sinais**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Libras). Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- GUARINELLO, A. C.; LISBOA, A. S.; PEREIRA, I. B.; SANTOS, L. T.; IACHISNKI, J. M.; MARQUES, R. Q. S. **Qualidade de vida do profissional intérprete de língua de sinais**. *Distúrb Comun*, São Paulo, 29(3): 462-469, setembro, 2017.
- LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.
- LACERDA, C. B. F. **Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais**: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação*, v. 36, p.133-153, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1604/1487>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.
- LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 7. ed., 2015.
- LACERDA, C. B. F.; Bernardino, B. M. O papel do intérprete de língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. *In*: LODI, A. B e LACERDA, C. B. F. **Uma escola duas línguas**: letramento

em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009. p. 65-79.

LEDERER, M. Simultaneous interpretation units of meaning and other features. *In: Gerver, D. H.; Wallace, S. (orgs).* **Language interpretation and communication**. Nova York: Plenum Press, 1978.

LIMA, N. e LODI, A. C. B. A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas. *In: Lodi, A. C. B. e Lacerda, C. B. F.* **Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009, p.65-79.

LIMA, N. O processo de reformulação na interpretação simultânea. **Revista Acta Científica**, v. 21, n. 1, p. 41-54, 2012.

LIMA, N.; NEVES, C. L. Teorias e técnicas de interpretação. *In: Schäffer, A. M.; Torres, M. L. (org).* **Interpretação: a arte da interpretação simultânea, intermitente e consecutiva**. Engenheiro Coelho: Edição do Autor, 2012.

MARTINS, T. B. **A arte da tradução**. Belas Infieis, Brasília, Brasil, v. 3, n. 1, p. 163–183, 2014. DOI: 10.26512/belasinfeis.v3.n1.2014.11264. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/11264>. Acesso em: 1 de agosto de 2022.

MOURA, D. H.; GARCIA, S. R. O.; RAMOS, M. N. **Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio**. Documento Base, Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em: 1 de agosto de 2022.

OLIVEIRA, P. C.. **Passo a passo dos estudos tradutórios de Libras e português: Metodologias para tradução e interpretação interlíngue**. São Paulo: Ed. Sunny, 2022.

OLIVEIRA, P. C. incluir a dissertação

PAGURA, R. J. A interpretação de conferências: interfaces com a Tradução escrita e implicações para a formação de Intérpretes e tradutores. **D.E.L.T.A.**, v. 19 Especial, p. 209-236, 2003.

PAGURA, R. J. Tradução & interpretação. *In: AMORIM, L M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, É. (Org).* **Tradução & Perspectivas Teóricas e Práticas** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 183-207.

SANTIAGO, V. A. A. ANDRADE, C. E. **Surdez e sociedade: Questões sobre conforto linguístico e participação social**. Porsinal, 2013. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=27&idart=330>. Acesso em: 20 de junho de 2022.

SANTIAGO, V. A. A. O intérprete de Libras entre a significação e o tema das enunciações. *In: III Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Florianópolis-SC: UFSC. 15 a 17 de agosto de 2012.

SANTIAGO, V. A. A. **Português e Libras em diálogo: Os procedimentos de tradução e o campo do sentido**. Libras em Estudo: tradução e interpretação. São Paulo: FENEIS, 2012. Serie pesquisas

SANTIAGO, V. de A. A. **Atuação de intérpretes de língua de sinais na pósgraduação lato sensu: estratégias adotadas no processo dialógico**. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial), Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.

- SANTOS, K. A. S. **O intérprete de Libras no contexto de conferência:** Reflexões sobre sua atuação. Dissertação de Mestrado, UFScar São Carlos, 2016.
- SANTOS, L. F. **O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e criações.** 2014. 203 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- SANTOS, L. F.; LACERDA, C. B. F. **Atuação do intérprete educacional: parceria com professores e autoria.** *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. 2, p. 505-533, 2015.
- SOBRAL, A. **Dizer o ‘mesmo’ a outros: ensaios sobre tradução.** São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- WOODCOCK, K.; FISCHER, S. L. **Occupational health and safety for sign language interpreters.** Toronto: Ryerson University, 2008. Disponível em: <http://www.avlic.ca/docs/OHSGuideforSLI.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2023.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- ZAPELINI, C. A. E. **Processos formativos constituídos no interior das instituições de Educação Infantil:** uma experiência de formação continuada. *Campinas: ProPosições*, v. 20, n. 2, p. 167-184, maio/ago.